

JÜRGEN HABERMAS E A TEORIA DO AGIR COMUNICATIVO – A COMUNICAÇÃO COMO MEDIADORA DAS RELAÇÕES NO ESPAÇO DA SALA DE AULA¹

LUCIANA MATIAS CAVALCANTE²

MARIA AUXILIADORA SOARES FORTES³

Introdução

O presente artigo discute as relações entre pares e não pares no espaço escolar, que se caracterizam por profundas oscilações entre ações democráticas e autoritárias, à luz da teoria da ação comunicativa, que analisa as categorias de mundo sistêmico, orientado pela racionalidade instrumental e mundo vivido, na racionalidade interativa.

Buscamos, além dos livros, apoio na Pesquisa Escola e Cultura: Produção Cultural, Resistência e Identidade⁴, para ilustrar essa discussão, propondo o diálogo como base na construção de uma relação mais democrática e horizontal entre os atores sociais.

Para essa abordagem optamos por Habermas (1988) que, de um lado destaca a ação instrumental, voltando-se para a realidade objetiva, regida por normas técnicas, fundadas no conhecimento empírico e por outro, na ação comunicativa voltada para a relação entre os sujeitos, expressando as expectativas mútuas entre estes.

Consideramos relevante articular essa reflexão sobre educação pela concepção habermasiana de razão, por compreendermos que o processo das relações desenvolvidas no contexto da escola orienta-se na inserção da educação na luta hegemônica reforçando a dominação e, em grau menor na luta contra-hegemônica que traduz a construção de um outro tipo de conduta que possibilita a libertação.

¹ Trabalho apresentado na disciplina Correntes Modernas da Filosofia da Ciência, 2000.1, ministrada pelo Prof. Gerardo Vasconcelos. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira/UFC.

² Mestranda em Educação Brasileira, Núcleo Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola.

³ Mestranda em Educação Brasileira, Núcleo Educação, Currículo e Ensino.

⁴ Pesquisa realizada por um grupo de professores e bolsistas da Faculdade de Educação/UFC, com apoio do CNPq e Funcap.

Enfatizamos a necessidade de refletir as interações no espaço escolar, considerando a educação como uma prática social, inserida numa sociedade contraditória, efetivada na concretização da ação educativa.

Nessa adoção de análise que enfoca a racionalidade instrumental, do mundo sistêmico, reforça a dimensão da dominação e, por outro lado, propõe a racionalidade interativa do mundo vivido, legitimando os saberes que se constroem no cotidiano dos grupos sociais, na perspectiva das diversidades culturais.

Nesse sentido, queremos propor o espaço escolar como privilegiado da ação comunicativa, por entendermos que, apesar de algumas críticas, essa teorização suscita um relevante sentido pedagógico, explicitado a partir das relações que os sujeitos desenvolvem entre si.

Dessa forma, faremos um recorte da teoria da ação comunicativa, como fio condutor na reflexão das relações desenvolvidas entre os sujeitos na sala de aula. Convém ter claro que a teoria de Habermas é muito mais ampla.

Jürgen Habermas...

Nasceu em 1929, considerado um dos principais estudiosos da segunda geração da Escola de Frankfurt, fundada em 1923 na Alemanha, constituída por um grupo de filósofos, críticos culturais e cientistas sociais associados com o Instituto de Pesquisa Social, preocupados em desenvolver uma teoria crítica de sociedade, notadamente, um modo de fazer filosofia que integra os aspectos normativos de reflexão filosófica com as realizações explicativas das ciências sociais.

Mediante a teoria da ação comunicativa, Habermas busca fundamentar a relação de não dominação sobre os outros e uma noção mais ampla de razão, reformulando as categorias e pressupostos fundamentais da teoria crítica, através da comunicação que permite retomar o empreendimento que ficou interrompido na crítica da razão instrumental, substituindo o paradigma de que o homem do nosso tempo perdeu a capacidade de objetivar criticamente o mundo em que vive, impulsionado e legitimado pela ciência e pela técnica que domina o processo social.

Desde a década de 60, vem articulando a grande tarefa, a qual se propõe, de resgatar o potencial de racionalidade que emerge de contextos interativos: *investigar a razão inscrita na própria prática comunicativa cotidiana e reconstruir a partir da base de validade da fala um conceito não reduzido de razão* (Habermas, 1989, p.506).

Desse modo, as questões do mundo social e da subjetividade, que antes ficavam à margem das decisões racionais, passam ao âmbito da crítica racional, já que são passíveis de entendimento intersubjetivo.

Ao falar de uma racionalidade intersubjetiva, Habermas abre caminho para que a educação escolar, enquanto tarefa típica da modernidade, incorpore

a pluralidade das razões, sem cair no risco do relativismo. É nessa perspectiva que o mundo vivido se insere: os homens atuam comunicativamente, tendo como referência o horizonte que compartilham.

A Teoria da Ação Comunicativa de Habermas:

Conceituando...

Para Habermas, toda ação que se opõe às ações voltadas para a razão instrumental de domínio do mundo “objetivo”, e esteja voltada para o entendimento intersubjetivo entre os seres humanos é entendida como ação comunicativa.

Nesse contexto, propõe uma “virada lingüística”, configurando-se num questionamento, do “paradigma da consciência” ou da “filosofia do sujeito”, ao colocar a linguagem no centro da dinâmica social.

Argumenta, ainda, que é possível utilizar a linguagem intersubjetivamente para se chegar a um acordo a respeito de fins e meios sociais. Teoricamente, isto só se daria em uma “situação ideal de fala”, qualquer um que usa a linguagem, presume que ela pode ser justificada em quatro níveis de validade, caracterizada de comunicação não distorcida:

- O que é dito é inteligível, ou seja, a utilização de regras semânticas inteligível pelos outros;
- Que o conteúdo do que é dito é verdadeiro;
- Que o emissor justifica-se por certos direitos sociais ou normas que são invocadas no uso de idioma;
- Que o emissor é sincero no que diz, não tentando enganar o receptor.

A abordagem lingüística de comunicação, pautadas na teoria habermasiana de entendimento, traz muitas implicações, inclusive uma definição de verdade de caráter universal.

Nessa perspectiva, a ideologia fica redefinida como sendo formas de asserções sobre o mundo social, que continuam sendo impostas e utilizadas nas “formas distorcidas de comunicação” descaracterizando uma “situação ideal de fala”.

Uma das críticas que observamos à teoria Habermasiana se faz sob acusações de ser esse filósofo excessivamente racionalista e idealista.

Contudo, se analisarmos cientificamente a teoria do agir comunicativo, perceberemos que surgiu mediante estudos desenvolvidos pela Escola de Frankfurt, principalmente na década de 40, sobre as relações de dominação da natureza e violência contextual das interações humanas, sob o tema de “razão instrumental” e da “dialética negativa”⁵.

⁵ Perspectiva desenvolvida por Theodor Adorno, no qual ele questiona o pensamento identitário, enfatizando a não-concidência e a não-identidade. Tende a unificar a particularidade e a diferença na identidade.

Contraopondo-se aos mestres de Frankfurt, uma vez que a razão não pode ser assimilada imediatamente à subjugação, à dominação, como supunham esses estudiosos. Ainda, que a forma de razão instrumental seria apenas uma das formas possível de razão, mas não a única, isto é, a razão instrumental pode ser utilizada para dominar e controlar outros sujeitos, mas também para criticar e abrir margem à libertação.

A razão crítica libertadora, nascida nos processos de relações pautados pela razão instrumental, corresponde ao interesse emancipatório dos sujeitos e é, precisamente, a razão comunicativa proposta por Habermas. A guinada lingüística pode ser considerada sua maior contribuição, pois compreende o sujeito como capaz de modificar situações relacionais de dominação através de apelos comunicativos e de relações dialogais.

Habermas rebate o pessimismo radical em que se lançou a Escola de Frankfurt ao lançar mão da possibilidade de atuações de resistência à dominação e tentar manter viva a proposta original dessa escola de desenvolver uma teoria social crítica.

Ação comunicativa...

Seguindo a tradição filosófica ocidental, Habermas, preocupa-se com o tema da razão em seus estudos. No entanto, caminha diferente de outros filósofos que utilizam o conhecimento e a ação como eixo para o entendimento da razão, buscando compreender a razão humana valendo-se da categoria linguagem que acredita ser capaz de permitir uma visão mais ampla do entendimento acerca da realidade.

O poder, próprio da referida categoria, provém do fato de permitir uma análise não apenas subjetiva, mas intersubjetiva construída nas relações comunicacionais, ao passo que, os estudos baseados nos sujeitos cognoscentes e agentes, sobre a razão se fundamentam numa visão puramente subjetiva e instrumental que possuem da realidade, oferecendo apenas uma visão unilateral de razão.

Para a constituição dessa razão, subjetiva e instrumental, entra em jogo a autoconsciência epistêmica, ou seja, o sujeito é caracterizado muito mais pela visão que tem de si próprio do que pelo conhecimento da realidade, visto que privilegia o sujeito que conhece em detrimento do objeto percebido e também é instrumental porque torna possível o controle teórico e prático da natureza, mas a relação que estabelece com a natureza está fundamentada na sua autoconsciência. Com a introdução da linguagem, Habermas faz críticas a forma cognoscitiva de compreender a razão...

... do ponto de vista da filosofia da linguagem, esse autoconhecimento sofre muitas críticas: ele só é acessível intuitivamente, e o acesso as realidades da consciência é inevitavelmente introspectivo... a filosofia da linguagem renunciou ao acesso direto aos fenômenos da consciência e substituiu o autoconhe-

cimento intuitivo, a reflexão ou a introspecção por procedimentos que não apelam para a intuição. (Aragão, 1997, p. 26/27)

Essa abordagem filosófica deixou de lado o sentido de linguagem com base em um modelo pré-estabelecido de subordinação de nomes a objetos, de regras que entendiam a comunicação distanciada do conteúdo dos pensamentos. A linguagem passa a ser expressão da representação e pensamentos. O processo lingüístico é concebido enquanto intenção comunicativa.

Esses são argumentos metodológicos que vão justificar a mudança de paradigmas da análise da razão pela “filosofia da consciência” para uma análise a partir da “filosofia lingüística”. Com essa tônica passou-se a focar a atenção na linguagem enquanto forma de comunicação.

A análise recai no próprio processo lingüístico, nas relações, nas intenções de fala dos sujeitos. A linguagem é percebida enquanto instrumento mediador dessas relações. A razão que embasa as ações e reflexões sobre estas ações são entendidas no processo relacional lingüístico, pois os sujeitos se utilizam dos atos-de-fala para expressar sua percepção do mundo, tomando por base a linguagem, relevância para sua fala, na tentativa do reconhecimento da veracidade de suas idéias como caminho para o entendimento.

O caráter valorativo dos atos de comunicação lingüística como parâmetro para a ação voltada para alcançar entendimento pode ser questionado em função de algumas restrições: quando se percebe, por exemplo, que os meios lingüísticos podem ser utilizados para produzir conseqüências induzidas ou pré-intencionadas, e que nem toda interação mediatizada lingüisticamente é um exemplo de ação orientada para alcançar entendimento.

O modo original do uso da linguagem é empregar os meios lingüísticos sempre com uma orientação para alcançar entendimento, ou seja, desenvolvendo situações de comunicação pautadas na argumentação verdadeira, na reflexão coletiva e consensual. Esta é a própria finalidade imanente da linguagem, sua razão de ser. Os outros usos que dela se faz são distorcidos, parasitários (Cf. Aragão, 1997).

É importante ressaltar que, se os atos comunicacionais podem servir a esse objetivo de influenciar os ouvintes, é porque também permitem alcançar entendimento por meio do consenso. No entanto, nas situações estratégicas de manipulação esse entendimento possui dimensões diferentes, encontra-se distorcido, fragmentado e a comunicação estratégica caracteriza-se pela dominação. O agir estratégico reduz a linguagem em seu papel interacional a simples informação retirando-se do seu objetivo maior de estabelecer patamares consensuais. Vejamos como Habermas (1990, p.75) expressa seu pensamento:

No agir manifestamente estratégico os atos de fala, emasculados ilocucionariamente, perdem o papel de coordenação da ação em favor de influências externas à linguagem. A linguagem debilitada passa a preencher apenas as funções de informação que restam quando se retira do entendimento lingüístico a formação do consenso(....).

O objetivo maior de Habermas ao desenvolver o estudo das interações mediatizadas pela linguagem, foi de intervir no processo histórico de pessimismo social fruto da teoria social crítica onde, razão equivaleria a dominação e substituir esse pressuposto por razão como caminho para a libertação.

Algumas noções básicas que fundamentam o pensamento Habermasiano...

O conhecimento, para Habermas pode ser entendido e definido pelos objetos da experiência, por categorias e conceitos que o sujeito traz a todo ato de pensamento e percepção pautados no “mundo da vida”. Até mesmo espaço e tempo que são noções básicas de ciências como a física, não são unicamente providas pela experiência... elas não fazem sentido quando desprovidas de conceitos, idéias dadas *a priori*, independentemente de toda a experiência.

Idéias e conceitos são determinados por categorias e formas que levam ao ato de percepção. O mundo-da-vida, se constitui na realidade pré-estruturada simbolicamente construída na vida social e coletiva, partilhado entre os sujeitos formando o pano de fundo para a ação comunicativa, explicitando que conhecimento é também social...que não há conhecimento sem cultura e que todo o conhecimento é mediado pela experiência social. Podemos concluir que o mundo-da-vida, para Habermas, possui uma dimensão histórica, pois forma um cenário em que os horizontes situacionais mudam, expandem-se ou se contraem.

Os componentes do mundo da vida resultam da continuidade do saber válido, da estabilização de solidariedades grupais, da formação de atores responsáveis e se mantêm através deles. A rede da prática comunicativa cotidiana espalha-se sobre o campo semântico dos conteúdos simbólicos, sobre as dimensões do espaço social e sobre o tempo histórico, constituindo o meio através do qual se forma e se reproduz a cultura, a sociedade e as estruturas da personalidade (Habermas, 1990, p. 96).

Ainda, para Habermas, os processos de conhecimento e compreensão são fundamentados em padrões de linguagem usual que usamos na comunicação interativa do dia-a-dia.

Reconhece na teoria crítica um modo de perceber os objetivos de uma sociedade, os quais seriam o fim da coerção e a busca da autonomia através da razão, o fim da alienação através da harmonia consensual de interesses, e o fim da injustiça e da pobreza pela administração racional da justiça.

Dessa forma, o interesse emancipatório encontra-se presente na teoria do agir comunicativo, apesar de não consistir no objetivo do referido estu-

do, porque enfatiza práticas democráticas e libertárias nas relações sociais, caracterizando-se pela formação da consciência crítica, da auto-reflexão e uma interação ditada pela racionalidade comunicativa.

Os processos de interação na sala de aula...

A discussão aqui, está ancorada no conceito de ação comunicativa enquanto elemento que abarca os mecanismos das relações entre pares e não pares no âmbito da sala de aula, enfocando os condicionantes que se colocam mediante os sujeitos que ali atuam e nas interações que buscam a construção do entendimento, ou seja, a construção de um agir comunicativo. Nas palavras de Bouffleuer (1997, p.80):

O agir pedagógico realizado de modo sistemático em contextos escolares pode ser concebido, basicamente, de duas maneiras distintas na perspectiva dos agentes educativos: ou ele é entendido como um agir sobre os outros, ao modo de uma ação estratégica de influência e de manipulação, ou ele é entendido como um agir com os outros, ao modo de uma ação comunicativa, baseada na colaboração e cooperação entre as partes envolvidas.

Nesse sentido, a interação entre os atores sociais no convívio escolar, compreende o agir estratégico, através das atitudes de competitividade e agressividade, e, em particular, o agir comunicativo, envolvendo as ações de solidariedade e entendimento, demonstrando que o processo interativo é marcado quer pelo agir estratégico, quer pelo agir comunicativo.

No ambiente tão complexo quanto o da sala de aula, repleto de interações, não se pode esperar que a ação comunicativa seja a forma exclusiva do agir, onde a comunicação ocorra sem nenhum transtorno.

Portanto, é um processo dialético, que está em constante movimento e que nas situações que surgem cotidianamente vai se definindo como um espaço amistoso ou conflituoso, incluindo alianças e intrigas, imposições, transgressões e acordos.

Consequentemente, tratar das relações desenvolvidas na sala de aula, à luz da teoria da ação comunicativa, adquire significativa importância para se refletir criticamente o processo educativo institucionalizado pois *à medida que as interações não ficam coordenadas através do entendimento, a única alternativa é a violência que uns exercem sobre os outros (...)* (Habermas, 1989, p.459).

⁶ Pesquisa Escola e Cultura: Produção Cultural, Resistência e Identidade, realizada no período de 1996 a 1998, por um grupo de professores e bolsistas da Faculdade de Educação/UFC, financiada pelo CNPq.

Os conceitos de agir estratégico e agir comunicativo, com os quais estamos tratando, são pontos de partida fundamentais por representarem distintos modos da ação pedagógica.

Convém ter claro, que não se trata de um olhar de fora, ou uma tentativa de estabelecer uma teorização comunicativa na sala de aula, mas como resultado de vivência em uma pesquisa científica⁶ onde nos debruçamos sobre esta temática, bem como por entendermos que esses conceitos, no fazer pedagógico, estão entrelaçados.

A escola representa claramente uma estrutura do mundo da vida, podendo ser considerada *produção genuína da racionalidade comunicativa* (Prestes, 1996, p.106). Portanto, se esse espaço for pautado por relações próprias do mundo sistêmico e razão instrumental, configura-se como indicador de perturbação social, fazendo-se urgente o resgate de sua função como espaço contra-hegemônico.

Trazendo essa problemática para a análise da dimensão institucional e administrativa da escola, respaldada na teoria habermasiana, tencionamos enfatizar a necessidade de uma prática democrática, tão presente nos discursos educacionais.

Com base nessa discussão, na referida pesquisa citada, percebemos que no discurso de alunos e professores evidencia-se que a escola, em alguns momentos, reproduz a desigualdade social e cultural, criando, para estes, um ambiente propício de inculcação e aceitação, reafirmando a análise de Prestes (1996, p.106):

O fundamento da ação dialógica encontra-se na participação do sujeito em um mundo compartilhado com outros sujeitos. Isso tem validade para as diferentes instâncias do processo pedagógico, seja no plano da relação professor-aluno, seja no plano da definição da política educacional, da administração e da relação com outras áreas do conhecimento científica. A educação escolar precisa fazer valer as formas de vida que possam dar sentido à formação do sujeito racional.

O espaço escolar acaba por estabelecer padrões de comportamentos a serem seguidos sem levar em consideração a identidade dos sujeitos. Enfim, muitas vezes configura-se como um ambiente que não valoriza o indivíduo enquanto sujeito produtor de cultura, que traz consigo um apanhado amplo de saberes adquiridos ao longo de sua experiência.

O processo todo é muito complexo e está repleto de lutas, de negação, de resistências mesmo. A compreensão da escola enquanto espaço sociocultural, significa também entendê-la como um fazer cotidiano, reconhecê-la na sua dimensão existencial, onde os sujeitos não são simplesmente agentes passivos diante da estrutura, ao contrário, trata-se de uma interação de construção contínua, embutida de conflitos e consensos diante dos determinantes estruturais. Nessa perspectiva:

A linguagem e o mundo da vida não são instrumentos de auto-realização do sujeito, mas um encontro com o outro num mundo em que se compartilham significados e normas. A fala sobre algo é sempre fala com. Assim a intersubjetividade constitui a subjetividade e participa de sua estruturação, não tendo um caráter de meio, portanto, não se enquadrando numa relação do tipo meio-fim, sujeito-objeto (Masschelein, 1987, apud Prestes, 1996, p. 106).

Contudo, a escola é importante para os alunos não apenas para transmitir informações e conhecimentos, mas pela rica convivência entre os sujeitos. *A escola, em sua essência, é um espaço que propicia o encontro* (Damasceno et alli, 1998) é lá que os grupos se formam, que os amigos se encontram. As conversas, as mentiras para proteger o amigo, o repasse de conteúdo quando o outro não comparece à aula, as estratégias para manipular a “chatice” na classe, armadilhas para matar o tempo e “enganar” o professor são características comuns das relações entre pares. A própria linguagem é um exemplo, pois a cada dia é retrabalhada pelos jovens, é reinventada, tornando-se própria do grupo que a recriou.

Vale destacar, que os grupos ao reinventarem o espaço escolar, ao reintroduzirem novas regras a esse espaço estão resistindo ao que a escola lhes determina, resultando no que é entendido, muitas vezes, como rebeldia e indisciplina. Dessa forma, de acordo com Damasceno et alli (1998):

O “agir comunicativo” é reivindicado pelos alunos a cada momento em que estes apresentam suas expressões, as mais diversas possíveis. A indisciplina é o apelo destes para a modificação dos modelos de ensino reacionários, é a reivindicação da “comunicação solidária”.

Justificamos nossa abordagem acerca do agir comunicativo expressa pelos alunos, no processo de interação, em decorrência de observações e depoimentos que explicitam a ajuda ao colega como via de regra nos momentos de dificuldades.

Percebemos também, que o relacionamento agressivo entre os colegas, pautadas no agir estratégico, são formas encontradas para estabelecer relações de superioridade, muitas vezes incentivadas e referendadas pelo professor quando enfatiza a figura do aluno mais comportado, organizado e “inteligente”, culminando numa verdadeira disputa pela melhor nota.

A interação entre os alunos acaba por encaminhar-se para uma destas alternativas. Apesar da sociedade, através da mídia, reconhecer hoje a escola como um espaço violento, os resultados demonstraram que a convivência neste espaço dá-se mais pelo entendimento e solidariedade, do que pela agressividade e competitividade, uma vez que o carinho e companheirismo desenvolvidos entre eles, dissipam rapidamente as diferenças.

Concluimos então, que só é possível a efetivação de uma aprendizagem dentro de um processo democrático, sem violação das subjetividades, mediante uma prática coletiva, construída com os sujeitos envolvidos no processo educativo e que considere o seu capital cultural⁷. Para tal, necessitamos estabelecer o diálogo como princípio fundante para fazer avançar a prática pedagógica.

Considerações finais

As reflexões ora apresentadas nos permite compartilhar algumas observações cotidianas do espaço escolar, baseadas em nossa prática docente e de pesquisa, às teorizações de Habermas sobre a ação comunicativa. Esse entrelaçamento entre teoria e prática, às vezes tão difícil de ser estabelecido, se faz importantíssimo quando tentamos somar esforços na compreensão da imbricada teia de relações implícitas nesse ambiente.

A teoria da ação comunicativa apresenta-se como o embasamento teórico mais consistente quando se trata de relações, por tratar a racionalidade de modo mais amplo e compreendê-la, também como processo interativo. Tais estudos somam reflexões coerentes sobre as ações cotidianas e sua pretensão de validade, mediante a aceitação ou resistência dos sujeitos. A abordagem lingüística da teoria habermasiana cria um forte embasamento para a análise das relações sociais, visto que é a linguagem o patamar primeiro de todo processo relacional.

A maior contribuição de Habermas, ao desenvolver a teoria da ação comunicativa, trata-se de estabelecer relações entre a linguagem e a situação de enfrentamento da realidade, pois é, também, nessa intermediação que os sujeitos se fazem atuantes e desenvolvem a consciência crítica de seu papel no espaço social.

Bibliografia

- ARAGÃO, Lúcia Maria de Carvalho. **Razão comunicativa e teoria social crítica em Jürgen Habermas**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa: uma leitura de Habermas**. Ijuí: UNIJUÍ, 1997.
- DAMASCENO, Maria Nobre et alli. **PESQUISA ESCOLA E CULTURA: Produção Cultural, Resistência e Identidade**. Fortaleza, Faculdade de Educação/UFC, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos**. Madrid: Cátedra, 1989.
- PRESTES, Nadja Mara Hermann. **Educação e racionalidade: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

⁷ Inspirada na teorização de Bourdieu.